



## **O Medo e Seus Refúgios nas Grandes Cidades: o Gueto Como Alternativa Para a Proteção**<sup>1</sup>

Mônica C. P. Sousa<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### **Resumo**

A violência e as moradias vigiadas mudaram as relações humanas, principalmente nas grandes cidades brasileiras. No Rio de Janeiro, a vida moderna apresenta algumas contradições. Entre elas as mazelas sociais dos “excluídos” – moradores das calçadas ou das áreas degradadas pela violência e a falta de estrutura urbana – e a vida “privilegiada” de uma classe que se aglomera em espaços modernos de convivência. Para conhecer um dos lados dessa disparidade, discutimos as ilhas urbanas como um refúgio ao medo.

### **Palavras-chave**

Comunicação; cidade; guetos

### **Introdução**

*Que gente insuportável aquela, com uns olhos/ Escancarados  
como portas-cocheiras!// Voê não poderia pedir/ Ao dono do  
café que os afastasse daqui?*

O presente trabalho busca pensar as contradições da vida nas grandes cidades. Por um lado, os meios de comunicação nos proporcionam contatos que ultrapassam a noção até então conhecida de tempo e espaço; por outro, esse aspecto de proximidade é conflitante a partir de uma análise mais profunda que podemos fazer do nosso cotidiano. As atividades nas grandes metrópoles são cada vez mais mediadas por barreiras. Como será desenvolvido nesse artigo, o medo gera um enclausuramento dos indivíduos, e nos dá uma mostra de como lidamos com as contradições da vida “pós-moderna”. No caso específico desta breve discussão, analisaremos como o medo se torna base estrutural da vida nas grandes cidades. E de que maneira ele molda a relação com o “próximo”, e também de nossas vivências. Para isso, usaremos como exemplos algumas notícias vinculadas em jornais e textos literários que retratem o cotidiano no Rio de Janeiro.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT Mediações e Interfaces Comunicacionais

<sup>2</sup> Mestranda do curso de Cultura de Massa e Representações Sociais da UERJ, email: sousamonica@hotmail.com

<sup>3</sup> Baudelaire – Os olhos dos Pobres. Trad. Aurélio Buarque de Holanda



## **A difícil arte da convivência – da diáspora ao casulo**

Conviver com o diferente sempre foi algo inerente às condições humanas, uma vez que o deslocar dos homens os dotava de novas perspectivas, ao mesmo tempo em que possibilitava um aprimoramento de suas condições a partir das idéias e concepções possíveis pelo contato com o diferente; seja através das guerras, das conquistas ou mesmo dos novos traçados. Entretanto, havia nessa conjuntura uma idéia de ordem, que se vê destituída de força gradativamente ao longo da modernidade. Uma modernidade não mais como conjuntos fechados, mas ao contrario, de inúmeras interseções que garantem a mistura, a miscelânea de experiências e novas reconfigurações. O que presenciamos hoje é uma total falta dessa ordem pré-moderna, na qual os encaixes perfeitos nos conjuntos possíveis possibilitavam um conhecimento prévio e controlável da sociedade.

Tal desordem é majestosamente descrita por Baudelaire nesse trecho que abre o artigo, de um de seus poemas em prosa. Embora situado no aparentemente distante século XIX, o “Os Olhos dos Pobres” retrata as contradições da modernidade e os aspectos de distinção sócio-espacial. Assim como o poema de Baudelaire retrata um pouco da Paris do século XIX, notícias vinculadas em jornais e telejornais cariocas também dão uma prévia de como é o cotidiano dos moradores da cidade que, entre os aspectos mais contundentes, está o sentimento de medo da violência urbana que assombra a cidade. É uma das contradições das nossas grandes cidades e de nosso momento é encontrar ditos de uma cultura que se diz hegemônica que se quer hegemônica, quando na verdade nossa realidade é caracterizada por um cotidiano tumultuado e transgressor, permeado de reinvenções das múltiplas culturas existentes - mesmo imersos numa falsa concepção de ordem. Vivemos a fluidez, o risco do novo; e a metrópole moderna é resultado desse amálgama de diversos “eu” e “nós”.

Uma metrópole existe porque é turbulenta, porque concilia em seus limites –se podemos falar em limites para uma metrópole – o bem e o mal de uma sociedade sendo esse conflito inerente a qualquer sociedade (MAFFESOLI, 2004, 28) uma vez que para o autor não existe um pertencer a um local sem que concomitantemente haja um sentimento de alteridade, de contrários. Os desprivilegiados de uma sociedade são reais e mesmo que marginalizados ou estigmatizados ainda assim são sombras e compõem indubitavelmente o espaço real – aquele no qual a cidade conjura seus diferentes homens e apresenta uma “vida em ambivalência”, na qual o bem e o mal fazem parte,



não um ou outro. Essa é a realidade da cidade que o medo transforma em “ou”, na tentativa desenfreada e desesperada de sobrevivência frente às mazelas das diferenças sociais.

A matéria publicada no jornal O Globo (27/11/07), com o título “Mendigos tiram sossego de esquina no Jardim Botânico – dez pessoas que vivem na rua e intimidam a vizinhança”, deixa em evidência o contraste e, conseqüentemente, o medo que a relação distância social e proximidade física evidencia. Grades de condomínios protegem das infecções modernas que a pobreza e a diferença podem gerar. “... Desde que se mudaram para lá (...) com cachorros, caixas de papelão e fogareiros, eles comem, dormem, urinam, defecam, tomam banho e fazem sexo ali, além de beber, discutir entre si, cantar e (...) pedir dinheiro”. Em outro momento, a matéria divulga a fala de uma das administradoras do prédio que prefere não se identificar, “(...) primeiro colocamos plantas, mas eles destruíram os vasos. (...) Decidimos colocar a grade. No dia seguinte a instalação, o grupo gritava dizendo que ia explodir tudo”. Mesmo em uma análise sintética, podemos perceber claramente a aversão gerada pela exposição da condição do outro, do diferente, daquele que faz da rua seu espaço segregado, e expõe publicamente o que por séculos foi, gradativamente, se tornando privado.

Tal como ocorreu há séculos com os Judeus em Veneza ou ocorre atualmente com negros e latinos nos Estados Unidos, ou no caso descrito acima, há uma “segregação sem expulsão”<sup>4</sup> que, através de uma solução espacial, delimita zonas de convivência. Para Sennet, essa segregação ocorre principalmente pelo receio de contato com o diferente, que podemos ampliar para as condições contraditórias das divisões sociais e econômicas das grandes cidades brasileiras. Nas ruas dessas metrópoles, esbarramos todo o tempo com “o que não suportamos ver”. Se em Veneza os judeus eram afastados para guetos distantes pelo medo de que uma “infecção” contaminasse os valores cristãos, convivemos na nossa tão aclamada “pós-modernidade” com a mesma assepsia.

Para Camilo Sitte, as barreiras impostas pela reurbanização das grandes cidades extraem o valor principal da cidade, que é o favorecimento do contato. As cidades são constituídas por estranhos, múltiplos, “diferentes tipos de homens”<sup>5</sup>. As idéias de Site remontam ao século XIX e se baseiam em uma crítica aos projetos urbanísticos do

---

<sup>4</sup> Conceito de Brian Pullan, utilizado por Richard Sennet. Carne e Terra. Página 193.

<sup>5</sup> Aristóteles – “A cidade é constituída por diferentes tipos de homens; pessoas iguais não podem fazê-la existir”.



Barão Haussmann para Paris. Por essa concepção, (Apud, SENNET, 1998, 359) o enfrentamento deve ser estimulado para que os seres humanos se habituem a correr riscos e aprimorem suas percepções, as experiências. No entanto o que percebemos nas grandes cidades - principalmente naquelas com altos índices de criminalidade, como é o caso do Rio de Janeiro - a urbanização de espaços tão racionais, diferente do que ocorreu em Paris, é resultado do medo da violência. E a prática do não-encontro - que pode ser gerado tanto pela urbanização de áreas mais afastadas (Recreio, Barra, Vargem Grande) quanto pela “invisibilidade” que o diferente passa a ter - é o resultado desse medo.

A importância em encontrar equilíbrio entre o apelo à vida e o apelo à morte. Quando uma sociedade não consegue encontrar esse equilíbrio, sucumbe rapidamente à violência desenfreada ou ao tédio generalizado. A modernização e um exemplo flagrante de civilização que, tendo pretendido esquivar-se à dor, expulsaram a sombra e por isso mesmo viram proliferar carnificinas e genocídios, enquanto eram ao mesmo tempo tomadas por uma falta de intensidade existencial. (MAFFESOLI, 2004, 128)

Essa relação dicotômica de fazer ou não parte do mundo imaginado das grandes cidades que priorizam a aparente tranquilidade e qualidade de vida – muito sugerida nas telenovelas brasileiras na qual o Leblon é o supra-sumo da segurança, tranquilidade e beleza - nos leva a pensar a maneira ambígua em que se desenvolve a sociedade atual. Se por um lado estamos a todo o momento expandindo nossas fronteiras imaginárias e, conseqüentemente, promovendo as misturas culturais – um paralelo inevitável à globalização econômica - por outro há a existência daqueles que podem fazer parte ou não desse mundo fantasioso, criando uma idéia de segregação.

Nesse amálgama de experiências, a noção de diáspora aparece como o oposto da posição “estar dentro ou estar fora” (o que seria como fazer ou não parte), para ter, segundo Stuart Hall, a idéia de *differance* de Derrida (HALL, 2006, 33). Por tal definição, o autor as relações não funcionam com o binarismo dicotômico, mas sim por uma idéia de que as partes de uma sociedade funcionam com fronteiras em constante movimento e transformação - não separadas, mas como “*places de passage*” com algo processual e não imutável como alguns ainda imaginam. Nossos entrelaçamentos ultrapassam os aspectos econômicos e políticos e são essenciais para o desenvolvimento da sociedade múltipla, que comporta diferentes colocações. Em seu texto, Hall cita



Salman Rushdie, “o hibridismo, a impureza, a mistura, a transformação que vem de novas e inusitadas combinações dos seres humanos, culturas, idéias, políticas, filmes, canções. É como a novidade entra no mundo” (2006 34).

Entretanto, a ambigüidade de nossa modernidade – ou pós-modernidade – possibilita entraves ao deslocamento, ao contato com o outro, e promove segregações socio-econômicas e políticas numa tentativa desesperada de manter o original, o puro, uma volta ao passado impossível quando se trata de relações humanas. Estamos e somos todos uma mistura, um sincretismo cultural que nos aproxima, mesmo que de maneira imperceptível.

Tal proximidade desse outro, assim como para a moça do conto de Baudelaire - os “olhos de porta cocheiras” - incomoda, assombra e põe em risco a continuidade da fantasia de um mundo asséptico. Adeptos da atitude *blasé*, descrita por Simmel no texto “A Metrópole e a Vida Mental”, os moradores das grandes cidades convivem cotidianamente com a segregação, com os diferentes, embora esses estejam invisíveis, “destituídos de substância”, difíceis de discriminar. Tais pessoas, para Simmel (1983, 18) “aparecem à atitude blasé num tom uniformemente plano e fosco (...) Todas as coisas jazem no mesmo nível e diferem uma das outras apenas quanto ao tamanho da área que cobrem”.

Sejam os seis olhos que contemplam “o novo café na esquina de um novo boulevard” da Paris do século XIX ou moradores de rua do Jardim Botânico, o que presenciamos é uma total apatia nas grandes cidades para as verdadeiras condições humanas; e a atitude *blasé* deixa sua acomodação ao conteúdo e à forma da vida metropolitana exceto no momento em que algo ignóbil e inconcebível afronta-nos de tal maneira que é impossível permanecer alheio ao outro. Ter uma atitude blasé não é apenas ignorar os de fora, mas principalmente proteger-se dos perigos típicos da metrópole. Para Simmel, essa postura inconsciente não é só insensibilidade, mas “(...) uma leve aversão, uma estranheza e repulsão mútuas, que redundarão em ódio e luta no momento do contato mais próximo, ainda que este tenha sido provocado”. (1983, 20).

Cotidianamente, mendigos, catadores de papel, pedintes e malabarista de sinais de trânsito apresentam-se nas ruas das grandes cidades. Entretanto, suas presenças nos são praticamente invisíveis. Exceção apenas quando atravessam os espaços delimitados, espaços esses não necessariamente físicos, mas perceptivos. E quando da proximidade física, o descaso se transforma em medo.



Um dos importantes questionamentos que deve ser feito para o temor nas grandes cidades é determinar a origem do medo. No caso específico da cidade do Rio de Janeiro, o medo se estampa tanto no cotidiano de seus moradores quanto na imprensa, nas rodas de discussão ou nos subterfúgios encontrados “criativamente” para escapar de assalto, de tiroteio, do pedinte, de bala perdida. Ou seja, das muitas faces da violência urbana que se apresentam algumas vezes nas vestes dos diferentes, do outro, daquele que não faz parte dos encantamentos da cidade maravilhosa, que não aparece no cartão postal. Mas que na verdade, é empurrado à margem da cidade por meio de programas “sociais” como “IpaBacana” ou como o “CopaBacana”<sup>6</sup>.

Mas uma questão importante é entender até que ponto tais programas realmente promovem a inserção social ou se são apenas uma maneira de esconder para debaixo do tapete o “submundo” que é parte indissociável da cidade maravilhosa. A proposta de tais programas é retirar pedintes, menores, e moradores de rua de tais bairros; e levá-los para abrigos que promovam a “(re)inclusão” social através de cursos profissionalizantes e artes. Desta maneira, temos o que Yúdice chama de conveniência da cultura (Yudice, 2004). Por essa perspectiva, recorre-se a cultura como propulsora do desenvolvimento, “como recurso para a melhoria sociopolítica e econômica”. Entretanto, tal iniciativa, embora louvável, determina os pontos de permissão de permanência de cidadãos, já que envolve os deslocamentos deles para áreas “permitidas” às suas práticas cotidianas. Ao mesmo tempo, tal programa é conveniente para mascarar os problemas sociais da cidade para o setor de turismo e garantir uma pseudo-sensação de segurança aos moradores e visitantes dos bairros da zona sul da cidade.

Tal realidade encontra-se descrita no conto de Rubem Fonseca, “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”. O personagem Augusto em suas andanças pelo centro do Rio conversa com um dos moradores de rua da cidade que reclama: “Estão dizendo que vai ter aqui na cidade um grande congresso de estrangeiros e que vão querer esconder a gente dos gringos” (FONSECA, 1992, 35). Em outro trecho do conto, o personagem encontra com Zumbi do Jogo da Bola, presidente da “União dos Desabrigados e Descamisados” que não quer esmolas e exige “o que tiraram da gente”. Ele apresenta ao Augusto as reivindicações da UDD, tais como:

(...) Não nos escondemos debaixo de pontes ou dos viadutos ou dentro de caixas de papelão (...). Queremos ser

---

<sup>6</sup> Programas da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, desenvolvido desde abril de 2007. Pelos dados divulgados pelo jornal O Globo (17.05.07), o número de roubos em Copacabana caiu 32% e o de furtos, 27%.



vistos, queremos que olhem nossa feiúra, nossa sujeira, que sintam o nosso bodum em toda parte; que nos observem fazendo nossa comida, dormindo, fodendo, cagando nos lugares bonitos onde os bacanas passeiam e moram. (...) Temos que feder e enojar como um monte de lixo no meio da rua. (...) Tiram a gente da rua e a gente volta. (1992, 45)

O conto de Rubem Fonseca de 1992 mostra que nesses 15 anos a cidade não mudou. Ao contrário, a matéria “mendigos tiram sossego do Jardim Botânico” evidencia a realidade da suposta ficção de Rubem Fonseca. O enfretamento entre os lados dicotômicos das condições sociais e econômicas é inevitável, e ao mesmo tempo é essencial para as discussões e, conseqüentemente, para encontrar alternativas de convivência.

E interessante pensarmos em como é ambígua essa relação entre proximidade/medo/reclusão nas grandes cidades, uma vez que o próprio conceito de cidade supõe mistura, diferença e encontro. A cidade propicia a própria noção de *differance*, na qual as práticas se transformam numa trajetória de constante movimento e recombinações.

### **Abrigos e prisões – a realidade dos guetos opcionais**

Criar barreiras, que delimitam as áreas permitidas, propicia um círculo vicioso de tensão permanente entre o medo do outro e a busca por proteção. Em “Confianza e Temor en la ciudad”, Bauman (2005, 15) apresenta as classes de desprivilegiados como resultado da transição da modernidade sólida para a modernidade líquida. Para o autor, ambas se diferenciam porque na primeira fase havia um maior senso de coletividade e de assistência do Estado, e ser desprivilegiado era condição momentânea. Já na modernidade líquida, a coletividade cede espaço à competição de mercado, ao individualismo e, nesse caso, as pessoas são abandonadas ao seu próprio recurso e formam o que Bauman chama de classes perigosas, ou seja, os que estão à margem, aqueles a quem não queremos.

A aversão a tal margem se adequa a realidade do lugar ou do momento - tais como árabes nos EUA, negros da Europa, pobres no Brasil, e estrangeiros em países xenófobos. O que ocorre é uma pseudo-relação entre as partes e uma constante retroalimentação de repulsa inalterável, a menos que se busquem: alternativas para a coexistência desta quase-relação, e favorecimento às trocas simbólicas e ao discurso.



A formação de guetos, discutida tanto em Sennet como em Bauman, é uma das importantes características das grandes cidades – a diferença entre elas está nas novas condições. Se antes gueto era o local no qual se deixava a margem o que se pretendia evitar; hoje os guetos se tornam saída para aqueles que fogem ao contato com a margem. Os condomínios fechados em todo o mundo nos dão uma mostra da busca por felicidade e qualidade de vida longe das mazelas das grandes cidades – e esta solução é mais uma das barreiras do ciclo vicioso porque excludentes, servem para proteger e não para integrar a margem.

Espaços opcionais, os guetos voluntários (BAUMAN, 2001, 106) possuem cercas que delimitam suas fronteiras. Diferentes dos guetos reais, não impedem a saída de seus moradores, mas implicam numa negação de liberdade porque impedem a entrada de estranhos. A mesma repulsa, descrita por Baudelaire, é encontrada em homens e mulheres do século XX e início do século XXI, que percebem e expulsam os “perigosos” de seus guetos invioláveis. É o caso do espanto e do apavoramento de lojistas e freqüentadores de um shopping em São Conrado, há alguns anos, quando várias pessoas provenientes da “favela bairro” da Rocinha entraram no shopping e geraram estranhamento, medo e repulsa. Ou o que ocorreu com o filho do cantor Caetano Veloso abordado e expulso do mesmo shopping por não ter “o perfil” dos habituais freqüentadores desse espaço público/privado. Mesmo que uma causa à liberdade, qual a abrangência dessa liberdade do gueto voluntário, já que ele segrega, aparta, impede o encontro e o ir e vir?

Os guetos voluntários produzem uma concepção de relação uniforme e tal procedimento dificulta ainda mais as relações humanas, sobretudo porque não exercitamos nossas percepções para as trocas simbólicas ou as traduções dos significados culturais ou sociais. Tal condição gera desconhecimento do outro, das técnicas de conciliação e de respeito mútuos. O que implica num acirramento das diversidades e transforma a cidade num verdadeiro campo de batalha – a popularidade do filme *Tropa de Elite* não está somente no marketing da produção ou nas discussões sobre pirataria. Ao contrário, o que temos é a “realidade ficção” do combate entre grupos de uma mesma cidade. Uma cidade partida não mais entre a zona sul e a zona norte; e sim, dividida em grupos cada vez mais enclausurados em seus espaços delimitados, e confinados a reincidência de uma mesma realidade.

Se o medo gera reclusão, o resultado deste não pode ser outro que não mais medo. Uma realidade que nos torna cada vez mais distantes um do outro. Criamos uma



busca constante por uma cidade modelo e os condomínios fechados passam à categoria de quase-cidades – ruas, transporte “público”, academias, escolas, igreja, shoppings, - o que Rafael Argullol chamou de cidade turbilhão: “modelo de uma cidade cujo principal desígnio é defender-se dela mesma” (ARGULLOL, 1994, 67), pois os traçados urbanos passam a obedecer à lógica do medo, do não encontro, de locais de mesmos.

No século XIX, os bulevares modificaram a paisagem de Paris, que permitiam o fluir do trânsito pelo Centro, e avenidas em linha reta que levavam de um extremo ao outro da cidade. Marshall Berman descreve: “um empreendimento quixotesco e virtualmente inimaginável, até então. (...) eliminaram as habitações miseráveis e abriram ‘espaços livres’ em meio a uma camada de escuridão (...)” (BERMAN, 1994, 146). Assim como os shoppings centers das avenidas das América e Aírton Senna, os bulevares parisienses modificaram a noção de espaço público. Hoje, os encontros – anteriormente em praças de bairros – estão voltados aos encantos dos espaços de consumo do shopping centers. As lojas, as praças de alimentação – numa referência de lugar e de espaço reconfigurados – e cinemas inserem no espaço-mundo seus participantes privilegiados, que se permitem a perder as horas pelos corredores atemporais dos shoppings, que não obedecem a fusos nem aos ruídos das ruas.

Ao tratar dos espaços que se expandem e se contraem, o Bauman criou o conceito “habitats de significado” (apud CANCLINI, 2003, 153) para descrever as multiplicidades que compõem uma cidade - com ofertas de diferentes espécies provenientes das mais diferentes culturas além do seu próprio. É uma bricolagem de significados e as cidades não guardam mais à sua identidade as referências históricas e, conseqüentemente, não há uma marca que seja própria - todas as grandes cidades são semelhantes, e é praticamente impossível identificá-las, a menos que haja os pontos turísticos de referências, como uma ponte, uma torre, uma estátua. Caso contrário, Nova Iorque pode ser confundida com Londres, São Paulo ou Cidade do México.

“Uma prosa poética, musical mas sem ritmo e sem rima, suficientemente flexível e suficientemente rude para adaptar-se aos impulsos líricos da alma, às modulações do sonho, aos saltos e sobressaltos da consciência”. Com esse trecho, Baudelaire (BERMAN, 1994, 144) descreve as particularidades da Paris do século XIX. É exatamente essa flexibilidade que permite as constantes reconstruções do modelo de cidade. O plano moderno prevê, como ocorreu no Brasil, com Brasília e Belo Horizonte, uma cidade a partir do zero, na qual cria-se bairros perfeitos, distantes tanto da efervescência da cidade, como de suas mazelas sociais. Seja nos EUA com os subúrbios,



seja no Brasil, é possível encontrarmos a tendência de “bairros assépticos” (FREITAS, XXX), considerados por Janice Caiafa como uma solução anti-urbana (2007, 51) justamente porque orientados para o carro, para o casulo, para o esvaziamento das ruas, para a não-promoção do coletivo. Tais bairros, como a Barra da Tijuca no Rio de Janeiro, são mostra da tentativa de reordenar a ordem do espaço urbano eliminando o contágio urbano que faz da cidade um organismo vivo de intensa atividade.

Ao mesmo tempo é essencialmente por esses “sobressaltos da consciência” que ainda é possível encontrar situações cotidianas – e particularmente locais – que fazem com que essas cidades ainda guardem as contradições do múltiplo, do diferente, do encontro. Os vários discursos formados pelo cotidiano dessas diferentes vozes e realidades redesenham a cidade a todo momento. Num self-service cultural, nossas possibilidades de combinação são infinitas e nos permitimos viver, por exemplo, no Rio de Janeiro um pouco de Londres ou de Nova Iorque. E o shopping é um exemplo de espaço configurado com o imaginário de uma cultura-mundo. Ao mesmo tempo em que se torna o refúgio dos moradores das grandes cidades, que se acotovelam em seus corredores, nas imensas filas de cinema – há muito tempo que as grandes salas de cinema saíram das ruas para comporem o espaço público/privado dos centros comerciais.

Por mais que uma cidade seja um emaranhado complexo de heterogeneidade, isso não assegura que haja a produção da diferença. Nesses espaços de reincidência do mesmo, os muros estabelecem ao mesmo tempo exclusão dos “de fora” e o privatismo desses espaços definidos a partir de uma lógica econômica. A alteridade se perde nesses guetos voluntários que impedem uma “interpelação criadora de diferença”. A Barra da Tijuca é um exemplo de espaço simulacro de cidade em que a heterogeneidade não produz diferenças, já que não há o incentivo à proximidade ao conflito, possível apenas quando em espaços coletivos a heterogeneidade produz diferenças – o que não significa dicotomias. Em “Aventura das Cidades”, Janice Caiafa diz:

Quando a variedade é passiva, não se transforma em experiência – é o caso do isolamento dos guetos e do espaço privatizado das cidades dependentes do automóvel. Ali as situações tendem a ser previstas, o que acaba por reinstaurar os circuitos fechados dos meios familiares. O desconhecido é uma variedade muda, num espaço demarcado de identidades bem definidas. (CAIAFA, 2007, 89)



Em uma grande cidade como o Rio de Janeiro, tais espaços garantem lazer e uma promessa de segurança. Mas então como pensar essas mini-cidades que atualmente são compostas de academias de ginásticas, faculdades, cursos de idiomas, aulas de yoga, simulacros de ruas – como a Rua do Rio no Shopping Nova América que simula um calçadão a beira mar? Como pensar o encontro, o conhecimento e reconhecimento do outro, se a tensão, condição *sine qua non* da rua, se esvai nesses conglomerados urbanos de lazer, consumo e segurança? No lugar de termos um todo, o que extraímos da nossa cidade são fragmentos de diferentes cidades, cada qual com sua realidade.

Mas é fantasioso acreditar que essas realidades não se esbarram porque o conflito ultrapassa os “muros”. E mesmo que tente negar, a proximidade física entre os guetos voluntários e involuntários existe, e transforma em fantasia a idéia de ilhas isoladas, como a que se acredita ainda haver entre a Barra e a Cidade de Deus, entre Leblon e a Rocinha ou entre Botafogo e o morro Dona Marta.

Os shoppings se transformam em cápsulas de segurança cercadas por câmeras de vigilância e conforto. Seus freqüentadores buscam nesses guetos de semelhantes à tranqüilidade que não encontram na própria cidade e não são poucos os que já se deslocam de um casulo ao outro; ou seja, de condomínios fechados a shoppings. O jornal O Globo publicou recentemente a matéria Cidade Murada (02/12/07, pág 1, caderno Morar Bem) que apresenta os confortos dos condomínios-cidades, como o Rio2, e anuncia para breve a inauguração de um empreendimento da famosa “grife” Alphaville. Os empreendimentos “Rio 2” e “Cidade Jardim”, em construção pela mesma empresa, equivalem a 1 milhão de metros quadrados – “um Leblon, só que cercado por muros”. Entretanto, a vida nesses espaços fortificados não deixa de ser uma vida numa grande cidade e, segunda a própria matéria, “apesar de a segurança ser vendida como um dos principais atrativos desses condomínios, especialistas lembram que há quadrilhas especializadas em assaltos a esses empreendimentos”.

Tal exemplo evidencia que mesmo em espaços murados, longe dos “perigosos” e do medo da cidade, o que presenciamos todos os dias nas páginas dos jornais são assaltos, mortes, tiroteios, balas perdidas que atingem crianças – como o menino de 12 anos, atingido na cabeça durante uma partida de futebol em um clube privado no Leblon. Tais fatos mostram a face mais aterradora do apartheid espacial que se instalou no Rio de Janeiro e também em outras grandes cidade.



## Últimas considerações

Se as cidades “son lugares lugares repletos de desconhecidos que convivem em estrecha proximidad” (BAUMAN, 2005, 26), como compreender então esse novo modelo de convivência nos centros urbanos, que nos trancafia em ilhas e exacerba ainda mais nosso medo e transforma a cidade em campo de batalha?

Dentro ou fora dos muros de proteção, o “sonho de harmonia urbana” (FREITAS, 2005, 25) não significa uma harmonia entre partes da grande a cidade. Pelo contrário, para alguns, a busca pela harmonia se resume a espaços compartilhados por pessoas iguais e que possam pagar por ele. Mesmo naqueles camuflados de “aberto ao público”, o que temos na realidade é uma grande e indiscutível segregação sócio-econômica, e um descaso exacerbado pelo que está por detrás das grades invisíveis. E a atitude *blasé* se personifica e se legitima nos shoppings centers – boulevares modernos que restauram os projetos haussmannianos de homogeneização e de distinção, e ao mesmo tempo garantem a percepção de segurança, de confiabilidade, de vigilância. Uma esquizofrenia urbana (ARGULLOL, 1994, 68) que não é inerente apenas a países do terceiro mundo. Ao contrário, é uma realidade presente também na Europa ou América desenvolvidas.

Se a condição primordial de um espaço para se tornar cidade é justamente ser um local repleto de desconhecidos que vivem próximos, qual o futuro da cidade composta de diferentes e múltiplos guetos-micro-cidades, se justamente estabelecermos-nos nesses espaços privados implica justamente em não vivê-la?

(...) Los espacios públicos son lugares donde compitem la atracción y la repulsión em proporciones distintas y rapidámente variables. Así pues, son lugares vulnerables, propensos a ataques maníaco-depresivos o esquizofrênicos, pero al mismo tiempo son los únicos donde la atracción tiene la posibilidad de desbancar a la repulsión y hasta de neutralizarla. Son, em pocas palabras, lugares donde se descubren y se ponen em práctica los métodos para una vida urbana satisfactoria. (BAUMAN, 2005, 56)

É preciso repensar e promover o espaço *realmente* público da cidade para que haja um compartilhamento desses locais e para que as experiências se tornem comuns. Promover tais espaços é avivar a segregação e prolongar a série interminável de medo, reclusão, mais medo, mais reclusão... Para reconstrução dos laços sociais e da



proximidade é imprescindível repensar e promover o espaço *realmente* público da cidade e assim quem sabe as experiências urbanas e cotidianas possam nos aproximar

### **Referências bibliográficas**

ARGULLON, Rafael. **A Cidade Turbilhão**. Revista do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional, n. 23, Cidade, Iphan, 1994.

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade – a busca por uma segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro. Ed Zahar. 2003.

-----**Confianza e Temor en la ciudad – vivir com extranjeros**. Mallorca. ATM Arcádia. 2006

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar. A Aventura da modernidade**. São Paulo. Companhia das Letras, 1994

CAIAFA, Janice. **Aventuras das Cidades**. Rio de Janeiro. FGV, 2007

CANCLINI, Nestor. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

FONSECA, Rubem. **A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro**. In Romance Negro.

FREITAS, Ricardo. **Simmel e a cidade moderna: uma contribuição aos estudos da comunicação e do consumo**.

FREITAS, Ricardo e NACIF, Rafael (org.). **Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.

HALL, Stuart. **Da Diáspora – identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003

MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo – resumo da subversão pós-moderna**. Rio de Janeiro. Record, 2004.

SENNETT, Richard – **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental – 2ª. Ed**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SIMMEL, Georg. **In Sociologia**, Org. Evaristo de Moraes Filho. **Metrópole e a vida mental**. São Paulo. Ática. 1983.



YUDICE, George. **A Conveniência da cultura.** UFMG, Belo Horizonte, 2004